



i.1

CIRCUITO DE MÁRMORE E ARTE:

CULTURA E SOCIABILIDADE NO CENTRO DO RIO
DE JANEIRO OITOCENTISTA

Projeto de Extensão Viva+Cidade
do Laboratório de História
Antiga da UFRJ.

Projeto de Extensão Viva+Cidade — Ano 2025
Coordenadores: Deivid Gaia, Regina Bustamante
Colaboração: Amanda Borges

1ª VERSÃO

AUTORES

Alane Victória Serra Trancoso
Ana Clara Hildebrandt Marques
André Gustavo Januário
Isabelle Guimarães Dourado Macedo
Julia Firmino de Azevedo
Millene Estevam da Costa
Pedro Carvalho de Souza
Pedro Diogo Ogêda da Silva
Vanessa Trompieri Gaudêncio

DIAGRAMAÇÃO

Amanda Prima Borges

REVISÃO

Amanda Prima Borges
Deivid Valério Gaia
Regina Maria da Cunha Bustamante

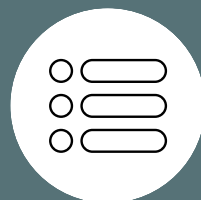
CAPA

Fotomontagem feita por Guilherme Augusto Paiva

Material elaborado para apresentação no ©XXXV Ciclo de Debates do LHIA em
História Antiga: Recepções da Antiguidade, durante as Janelas de Extensão do
evento.

Universidade Federal do Rio de Janeiro | UFRJ
Laboratório de História Antiga
Largo São Francisco de Paula, s/n - Centro, Rio de Janeiro/RJ.

SUMÁRIO



Apresentando o espaço

4

Conhecendo o Teatro
João Caetano

6

Antiguidade em foco – I

10

Conhecendo a Travessa
de Belas Artes

14

Antiguidade em foco – II

16

Conhecendo o Real Gabinete
Português de Leitura

18

Antiguidade em foco – III

20

Bibliografia de apoio

24

Referências das imagens

26



APRESENTANDO O ESPAÇO

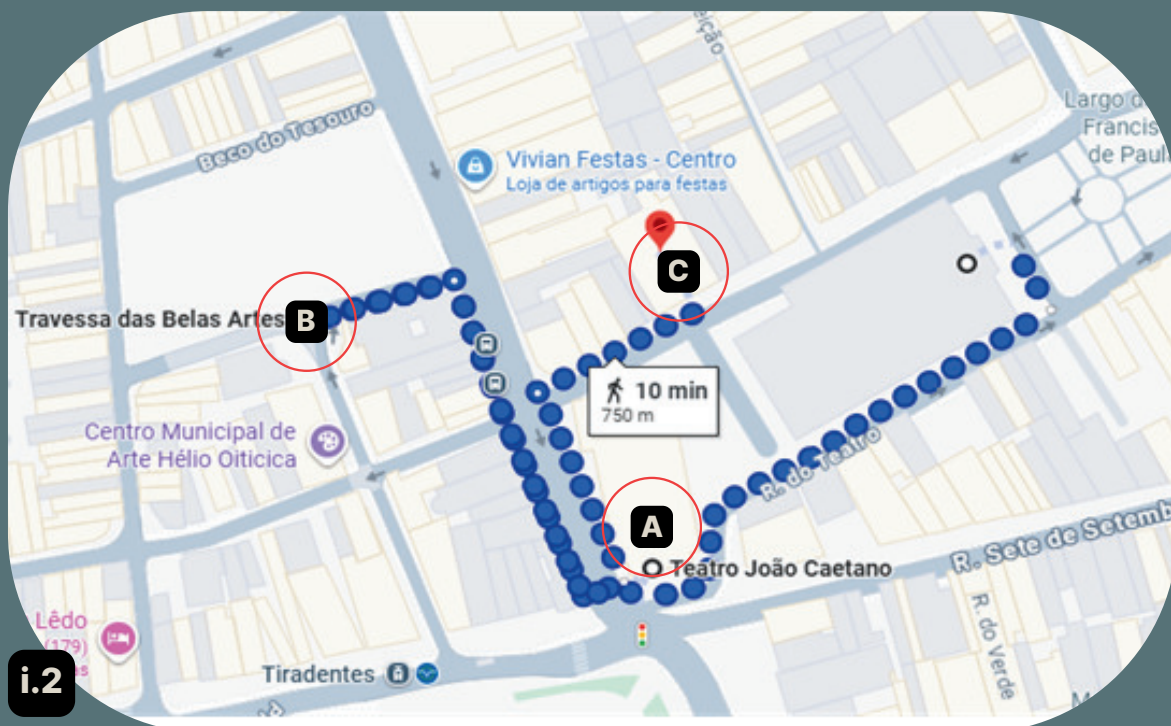


Você já se perguntou como o centro do Rio virou o **coração cultural do Brasil**? Este libreto passará pelo trajeto das tradicionais instituições do Real Gabinete Português de Leitura, a antiga Escola de Belas Artes e Teatro João Caetano, que ajudarão a contar a história da transformação do centro do Rio de Janeiro em um centro de poder cultural. Os três locais não estão próximos por acaso. Durante os séculos XIX e XX, essa região concentrou as principais instituições que moldaram nossa cultura nacional. Juntos, esses espaços formaram um **verdadeiro laboratório cultural**.



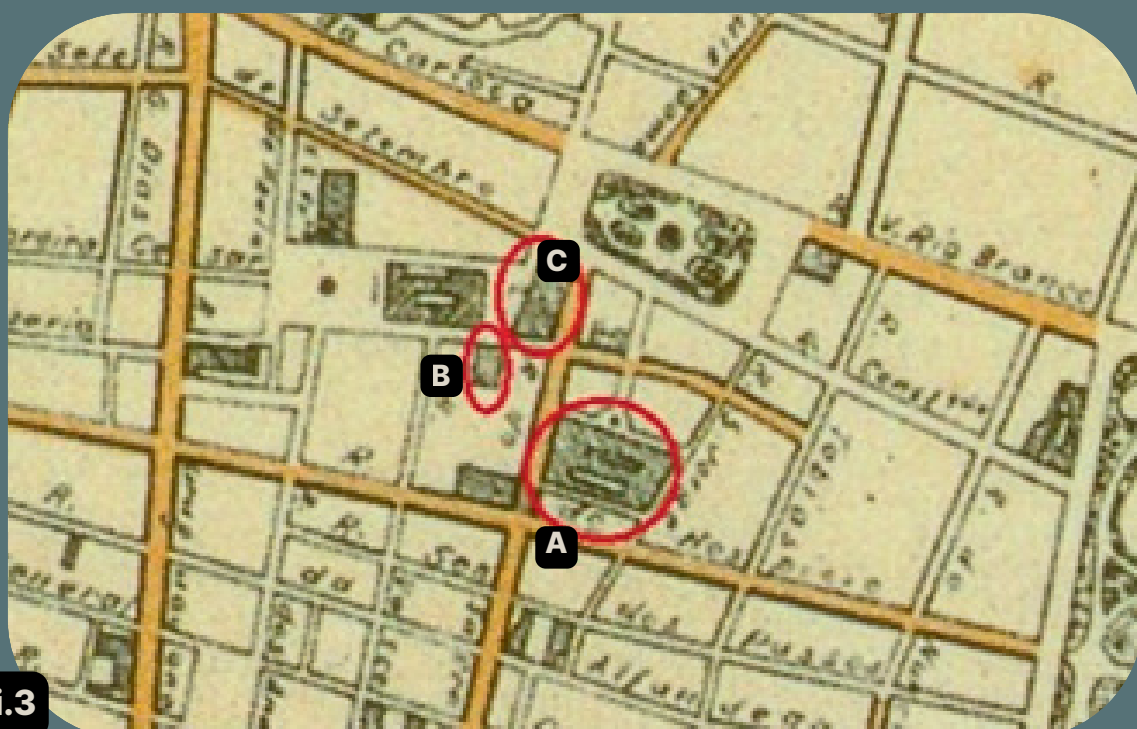
A arquitetura desses edifícios também revela um projeto do Brasil oitocentista: **consolidar uma identidade nacional própria mantendo os vínculos com a tradição europeia**. Os estilos neoclássico e neomanuelino **representam essa síntese** entre aspirações republicanas e herança colonial, incorporando elementos da cultura clássica greco-romana como forma de legitimação cultural. Colunas, frontões, alegorias mitológicas e divindades aparecem não apenas como ornamentos, mas como símbolos de civilização, conhecimento e poder. A linguagem visual clássica conectava o Brasil às grandes tradições culturais do Ocidente, elevando as instituições nacionais ao mesmo patamar dos centros europeus de cultura e saber.





i.2

- A - Teatro João Caetano: Praça Tiradentes
- B - Antiga Escola de Belas Artes: Travessa das Belas Artes
- C - Real Gabinete Português de Leitura: Rua Luís de Camões

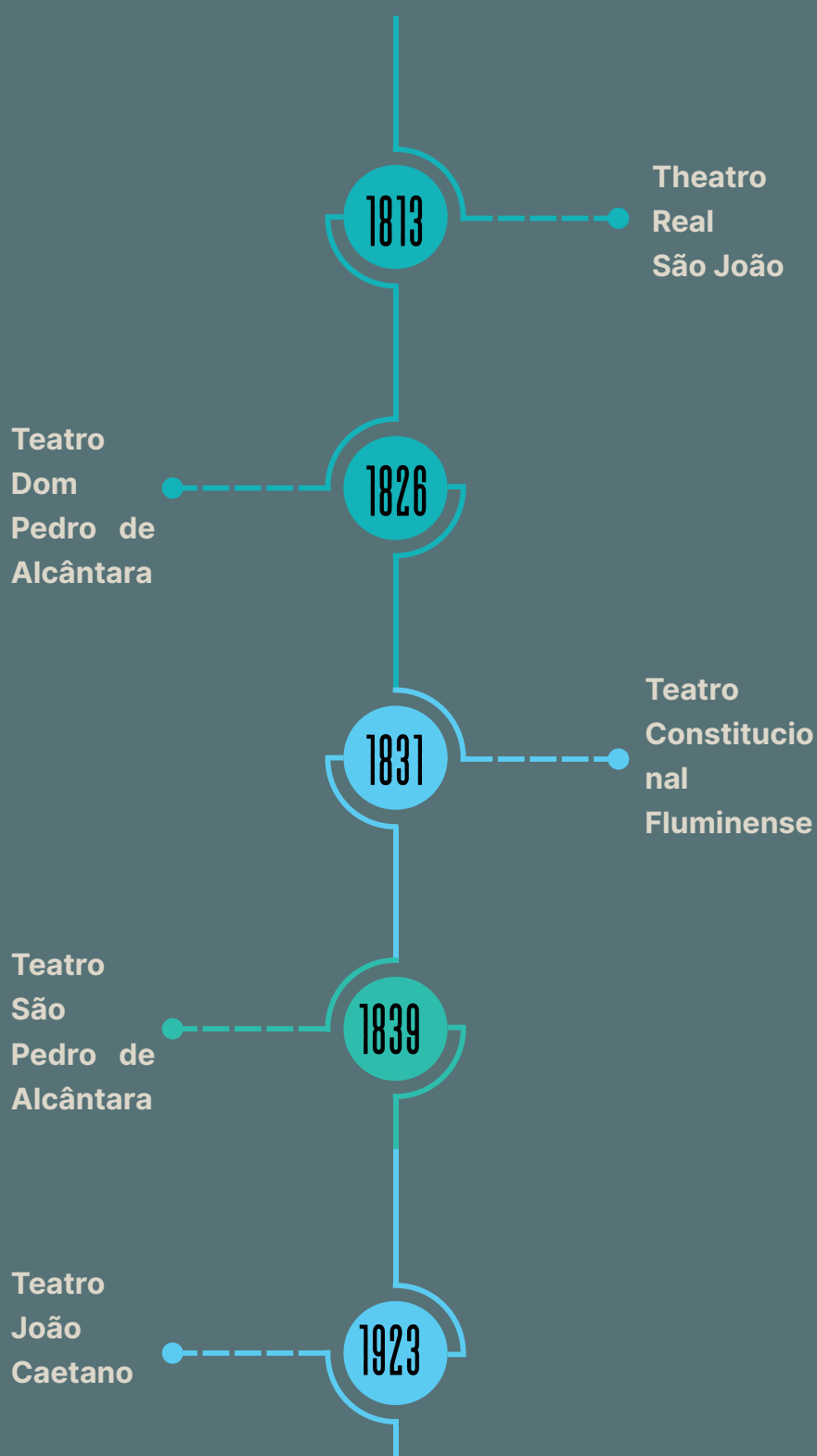


i.3





CONHECENDO O THEATRO JOÃO CAETANO



Foi na atual Praça Tiradentes, antigo largo do Rossio (palco de grande movimentação de pessoas e grupos socioeconômicos, além de eventos importantes para a cidade), que foi inserido o Teatro João Caetano, herdeiro de um dos teatros mais antigos do Rio de Janeiro.

Em 1923, passou finalmente a chamar-se TEATRO JOÃO CAETANO, localizando-se na esquina do Rossio com a rua do Sacramento (atual Avenida Passos).

Depois de três incêndios, o local foi demolido para reinaugurar um novo teatro, renomeado "Teatro João Caetano".





Anteriormente a sua construção, o **Largo do Rossio** também conhecido em diferentes épocas como Campo da cidade, de São Domingos, do Carmo, dos Ciganos, da Lampadosa, Largo do Rossio, Praça da Constituição e Praça D. Pedro I, é um dos logradouros do Rio de Janeiro que mais passou por transformações paisagísticas.

Neste local, em 21 de abril de 1792, houve a passagem do líder da Inconfidência Mineira, Joaquim José da Silva Xavier, mais conhecido como Tiradentes, condenado à morte na forca. Após o fim do Império (1822-1889), a praça passa a ser chamada de “Tiradentes”, como um processo de quebra com o Antigo Regime e uma construção de memória e luta pela liberdade contra o período repressivo.



i.4



i.5





O Largo do Rossio mudou radicalmente de feição após a chegada da família real portuguesa ao Brasil. Antes disso, era um grande rossio descampado com águas empoçadas e matagal, onde se abrigavam populações pobres. Ficou também conhecido como Campo dos Ciganos — justamente por abrigar dezenas de famílias ciganas, degredadas de Portugal pelo rei, D. João V, em meados do século XVIII.

Em 1808, foi instalado, no Rossio, um pelourinho (coluna), cuja finalidade era representar um espaço simbólico de poder, onde eram lidos decretos reais e executadas sentenças públicas, como castigos aos escravizados.



Com as transformações na cidade, em 1810, D. João VI ordenou a construção de um grande teatro que correspondesse aos altos padrões da elite palaciana que orbitava a família real. Assim então foi inaugurado, em 1813, o atual Teatro João Caetano.





i.7



i.9

Theatro de São Carlos, em Lisboa



i.8



i.10

Sua construção inicial, contava com a fachada neoclássica. Edificado em um terreno adquirido por Fernando José de Almeida e o responsável pelo projeto, neoclássico, foi o engenheiro João Manuel da Silva. Sua fachada assemelhava-se a do Real Theatro de São Carlos, em Lisboa, de autoria de José da Costa e Silva, que teria vindo para o Rio de Janeiro, em 1812, e que, em agosto deste ano, havia sido empossado como Arquiteto Geral de todas as obras Reais no Brasil.





ANTIGUIDADE EM FOCO — I

01

Elementos Neoclássicos na Arquitetura



Trabalho de **rusticação** nos andares inferiores com seus pórticos ovais. Acima deste andar, há uma grande varanda com **guarda corpo balaustrado**.



Pilastras coríntias que se repetem em simetria no corpo do edifício.



Frontão ornamentado com três bustos de figuras masculinas, inseridos em nichos ovais.



Máscaras do teatro grego (tragédia e comédia). Há uma **lira**, instrumento associado a Apolo, deus da música, poesia e arte.



i.16



i.17



i.18



“

O projeto arquitetônico com sua volumetria dominava a paisagem e enobrecendo o Largo do Rossio, obedecendo ao estilo da cena italiana, seguia hierarquicamente os espaços internos do edifício teatral, separando os limites entre o palco e a plateia, com sua forma aproximada de ferradura, apresentava a curvatura dos balcões em forma de “U” alongado, definindo os foyers, o proscênio e o fosso da orquestra. Seguindo o modelo de arquitetura teatral europeia, o teatro possuía um pórtico ao corpo frontal do edifício, para proteção dos espectadores que chegavam de carruagem. Um estilo de fachada próprio para um teatro de grande importância cultural e social...Havia um terraço, ou varanda na frente do edifício que serviu de palco para importantes pronunciamentos históricos (José Dias em Teatros do Rio: do século XVIII ao século XX)

”

Devido aos incêndios, o teatro passou por reformas e remodelações ao longo dos anos. A última dentre as mais importantes ocorreu durante a gestão do prefeito Antônio da Silva Prado Junior. Em 1928, o Teatro foi demolido e novamente reconstruído em 1930. O projeto e sua execução ficaram a cargo da empresa Gusmão, Dourado & Baldassini. Com uma fachada futurista e com sua volumetria purista, o Teatro assumiu um estilo considerado *art déco* do Rio de Janeiro, o que não agradou a todos.





02

Estátua de João Caetano

A estátua é feita em bronze, em tamanho natural e é de autoria do escultor Francisco Manoel Chaves Pinheiro. Representa o ator João Caetano interpretando seu papel na peça "Oscar, filho de Ossian", de Arnoult, em 1838. Ela foi originalmente instalada por iniciativa do ator Francisco Correia Vasques, em frente à Academia Imperial de Belas Artes/ Escola Nacional de Belas Artes.

Após ser retirada de seu lugar de origem, é somente em 1916 que a estátua de João Caetano é transladada do Campo de Santana (onde estava desde 1909) para a Praça Tiradentes, em frente ao atual Teatro João Caetano.

i.19



i.20



i.21





i.22



As vestes retratadas na estátua parecem remeter a um passado romano. Nos pés, observamos a presença de cáligas, enquanto a túnica é presa por um cinto balteus. A escultura segura, em sua mão direita, um gládio.

Em sua base, originalmente era possível encontrar, nas quatro faces do pedestal, relevos alusivos à tragédia, ao drama e à comédia e um medalhão com o busto do artista e uma inscrição sobre o monumento: “A JOÃO CAETANO GLORIA DO PALCO BRAZILEIRO EM MDCCCXCI (1891)”. Hoje, pouco podemos enxergar da inscrição original e do busto do artista. Os relevos que fazem referência ao teatro já não se encontram mais no local.

A escolha da representação do ator como um de seus personagens se justifica pela aclamação que a interpretação de “Oscar, filho de Ossian” recebeu no ano de estreia. O enredo da obra propõe retratar um passado mitológico celta, em um contexto do século III.

perar do autor dos *Suspiros Poéticos*. O caput da companhia do Theatro Fluminense mostrou ter compreendido perfeitamente a peça, e representou-a de um modo superior á todos os gabos. Os vestuários, e todo o scenario forão exactamente os da Escossia do seculo de Ossian; e isto é um progresso recente, por que não ha ainda muito estavamos no mesmo estado, que o Theatro Francez antes de *Talma*, quando Bruto apparecia em scena toucado com a cabelleira branca de Luiz XIV.

i.23

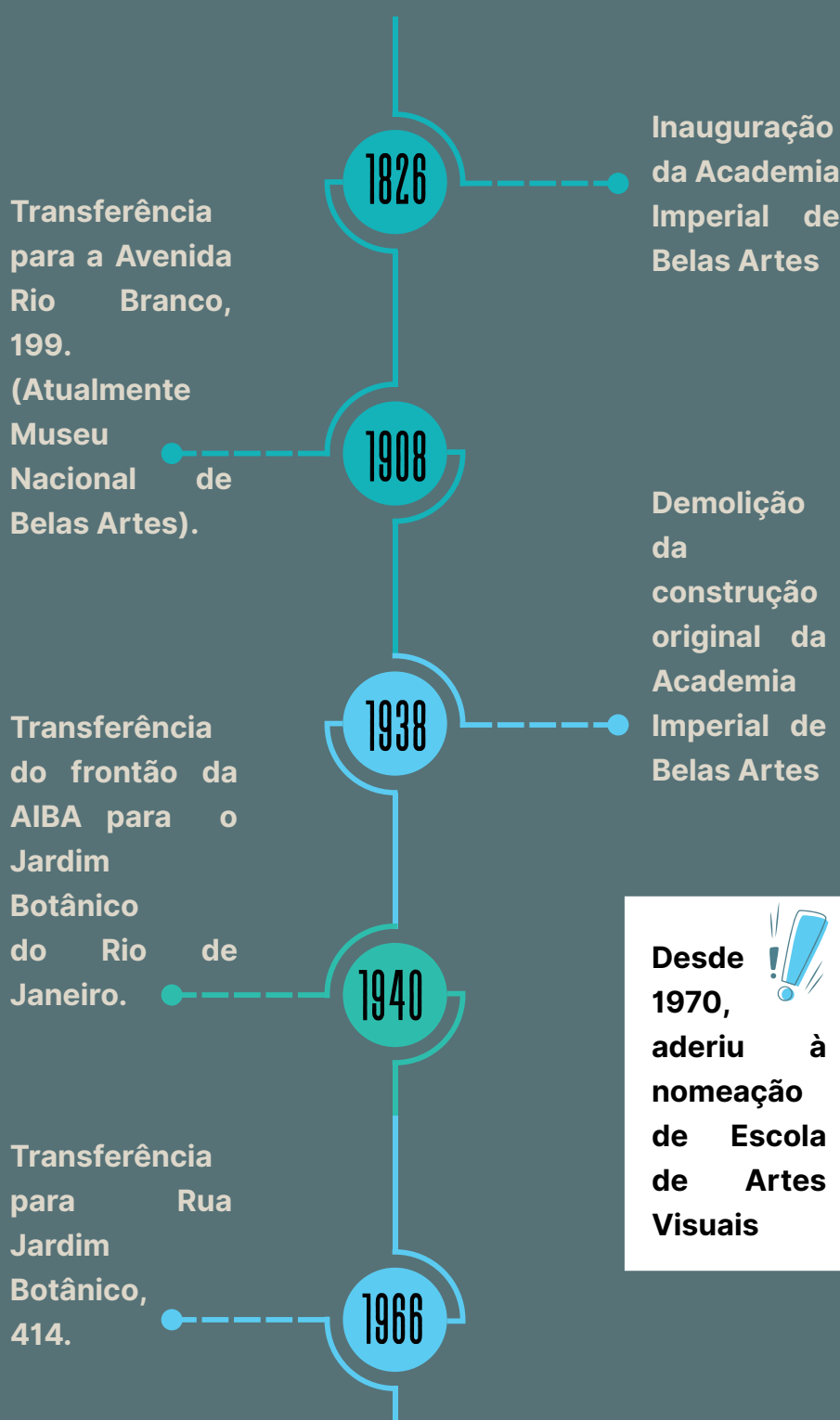


A caracterização do personagem de João Caetano e de outros atores, na verdade, não condizia com o pano de fundo contextual da peça. Essa contradição pode ter ocorrido devido à falta de acesso ao conhecimento histórico no momento da concepção do figurino que, ao buscar um passado celta, referiu-se à memória da dominação romana britânica ocorrida no século I.





CONHECENDO A TRAVESSA DE BELAS ARTES



Com a Independência do Brasil, em 1822, D. Pedro I, coroado imperador, herdou o projeto de sua mãe, D. Leopoldina, e de seu pai, D. João VI, de criar uma academia. A academia era um símbolo de soberania e civilização, essencial para um novo império que queria ser visto como moderno e igual às potências europeias. A AIBA foi, portanto, um projeto de Estado para legitimar a nova nação.

A AIBA foi instalada no prédio projetado por Grandjean de Montigny, um arquiteto que chegou ao Brasil com a Missão Francesa. Sua localização no centro da cidade simbolizava o novo polo de poder cultural do império.





i.24



i.25



i.26



i.27



Ao longo das primeiras décadas do século XX, o Rio de Janeiro passou por intensas reformas urbanas, especialmente a partir da gestão do prefeito Pereira Passos (Reforma Pereira Passos, 1903-1906) e, mais tarde, com a ampliação da Avenida Rio Branco e a criação da Esplanada do Castelo (décadas de 1930 e 1940). A República desejava modernizar o Rio e apagar os símbolos do império e do colonialismo. O edifício original da ALBA sofreu o deslocamento para a Avenida Rio Branco em 1908. Em 1940, as obras para a abertura da Avenida Presidente Vargas reconfiguram o espaço urbano da área central do Rio de Janeiro. No entanto, por seu valor histórico e arquitetônico, a fachada monumental de Grandjean de Montigny foi desmontada e remontada na zona sul da cidade – no bairro do Jardim Botânico.





ANTIGUIDADE EM FOCO — II



01

Deuses na fachada

i.28



MINERVA: deusa da sabedoria, da guerra, da estratégia e das artes e ofícios. Sua presença significava a inteligência, o conhecimento técnico e a destreza manual necessários para a criação artística, além da importância do estudo e da disciplina na formação do artista.

compare!



i.29

APOLO: o deus do Sol, da luz, da música, da poesia, da profecia e das artes em geral, não raro referido como líder das Musas. Apolo simboliza a ordem, a razão, a beleza ideal e a iluminação intelectual, princípios fundamentais ao ideal que a Academia buscava propagar.

compare!



i.30





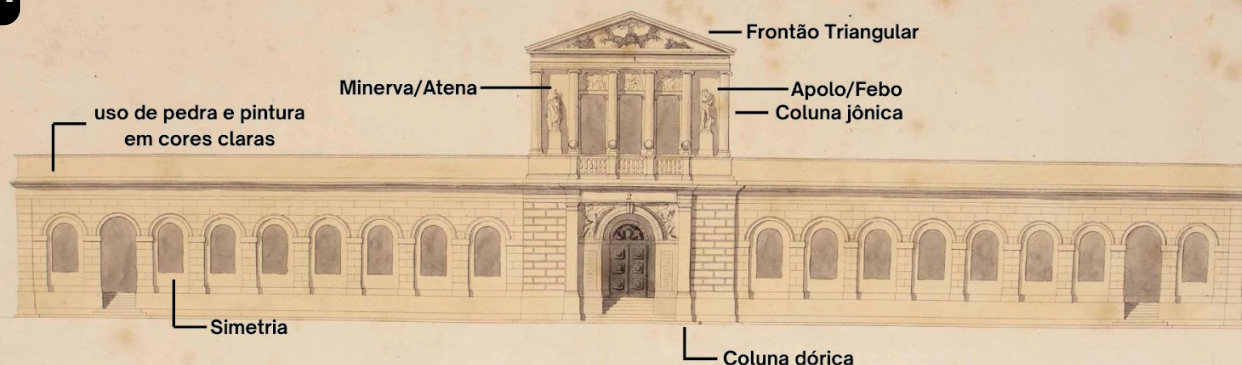
02

Elementos arquitetônicos

i.31

RUS-1-BRAS IMP-1-ARTIBUS MUNIFICENCIAM CONSECRAVIT

ACADEMIA IMPERIALIS BELLARUM ARTIUM



Simetria e proporção rigorosas: composição perfeitamente simétrica, organizada em um eixo central. As janelas e colunas são dispostas de forma ordenada e proporcional, refletindo a busca pela perfeição e equilíbrio herdada da arquitetura clássica, em contraponto ao que era visto como excesso decorativo do barroco e do rococó.

Frontão triangular: trata-se do elemento mais emblemático da arquitetura clássica grega, o frontão triangular coroava o corpo central da fachada. Ele servia como ponto focal, conferindo monumentalidade e solenidade ao edifício.

Ordens arquitetônicas: colunas jônicas no pórtico de entrada. A ordem jônica, caracterizada pela elegância, transmite sobriedade, solidez, força e seriedade com refinamento – valores que a Coroa desejava associar ao Estado e ao conhecimento acadêmico que seria ali produzido.

Pórtico de entrada monumental: o acesso ao prédio se dá por um pórtico saliente, sustentado pelas colunas jônicas. Esta se torna uma porta de caráter ritualístico, que marca a transição do espaço da cidade para o espaço reservado do saber e da arte.

Janelas regulares e austeras: as janelas retangulares e simples, emolduradas de forma discreta. Sua repetição ritmada ao longo da fachada contribui para a sensação de ordem e racionalidade, priorizando a estrutura geométrica sobre a decoração.

Materialidade e cor: o uso de pedra e pintura em cores claras visa evocar a nobreza dos mármore e reforçar a clareza das formas geométricas, contrastando com a cor e a textura irregular das construções coloniais que predominavam no Rio de Janeiro.





CONHECENDO O REAL GABINETE PORTUGUÊS DE LEITURA



Anos iniciais do Real Gabinete e também período anterior à construção da sede definitiva.

Período de Fundação.

1837

1860

Aquisição.
Compra do Hotel São Pedro e terreno adjacente.

1871

Início da Obra.
Pedra fundamental.
Tricentenário de Camões.

1880

Inauguração.
Sede definitiva na Rua Luís de Camões, 30.

1887

i.32

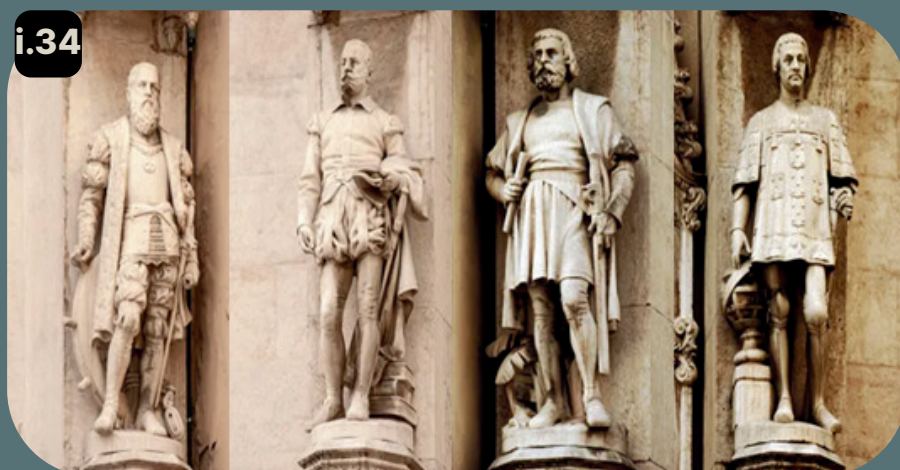


i.33





i.34



Projeto arquitetônico em **estilo neomanuelino**, concebido pelo arquiteto português Rafael da Silva e Castro. A fachada foi construída em pedra lioz trazida especialmente de Portugal.

Destaca-se pelas esculturas e medalhões criados pelo artista português José Simões de Almeida Júnior, que retratam figuras emblemáticas das navegações portuguesas:



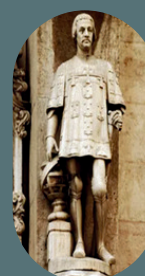
**Pedro
Álvares
Cabral**



**Luís de
Camões**



**Infante D.
Henrique**

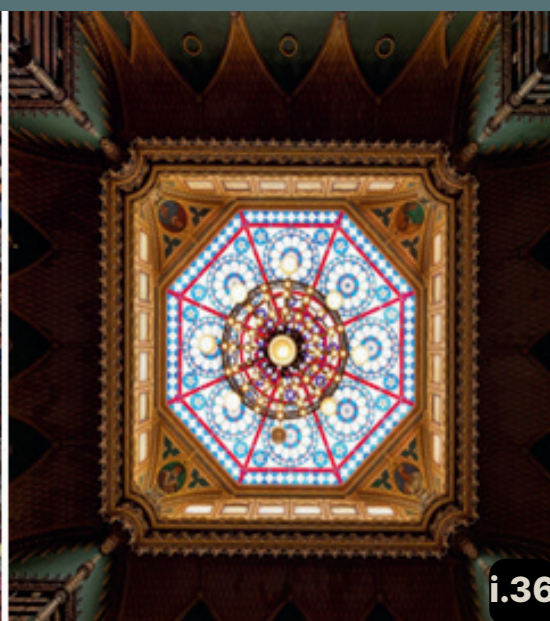


**Vasco da
Gama**

O interior impressiona com seus 30 metros de altura, abrigando 50 estantes com 1521 prateleiras que **comportam cerca de 200 mil volumes**, sendo o único "depósito legal" de livros portugueses fora de Portugal. A claraboia colorida em estrutura metálica forma uma rosácea octogonal que banha o ambiente com luz natural. Ao redor dela, quatro medalhões retratam figuras emblemáticas: Vasco da Gama (1497), Pedro Álvares Cabral (1500), Luís de Camões (1880) e Minerva (1837).



i.35



i.36





ANTIGUIDADE EM FOCO — III



01

Busto de Luís de Camões na calçada



Camões é relacionado a Homero, visto que os poetas, ambos curiosamente cegos, representam marcos fundamentais da literatura ocidental. Enquanto Homero estabeleceu os parâmetros da épica clássica, Camões criou uma poesia identitária que celebra os grandes feitos portugueses, particularmente em "Os Lusíadas":

O ramo que lhe vês, pera divisa, O verde tirso foi, de Baco usado; O qual à nossa idade amostra e avisa Que foi seu companheiro e filho amado. Vês outro, que do Tejo a terra pisa, Depois de ter tão longo mar arado, Onde muros perpétuos edifica, E templo a Palas, que em memória fica? 5 «Ulisses é, o que faz a santa casa À Deusa que lhe dá língua facunda; Que se lá na Ásia Tróia insigne abrasa, Cá na Europa Lisboa ingente funda[...]. (CANTO VIII 4)

Nesta epopeia, estabelece-se um paralelo entre navegadores lusitanos e heróis clássicos da Antiguidade, particularmente Ulisses (Odiseu). O poeta estabelece um paralelismo histórico ao declarar que "se lá na Ásia Tróia insigne abrasa, / Cá na Europa Lisboa ingente funda", conectando diretamente a destruição de Troia com a fundação de Lisboa.





02

PROAS DE NAVIOS

As luminárias em forma de proas de navios remetem às outras romanos - os esporões (em latim: Rostra), prolongamento pontiagudo na proa de navios cartagineses que os romanos utilizavam como símbolos de poder após suas vitórias navais, transformando-os em elementos decorativos que representavam a supremacia marítima, tanto romana quanto portuguesa.

i.39



i.40



compare!



i.41

compare!



i.42

Um dos atributos do império colonizador de Portugal foi o comércio. Nesse sentido, como Mercúrio é o deus romano do comércio, tradicionalmente representado por um bastão com duas serpentes entrelaçadas e asas no topo. O símbolo aqui aparece ornamentado com flores em vez de serpentes, mas mantém sua essência como emblema do comércio, da negociação e da comunicação, atributos fundamentais do império português.

CADUCEU

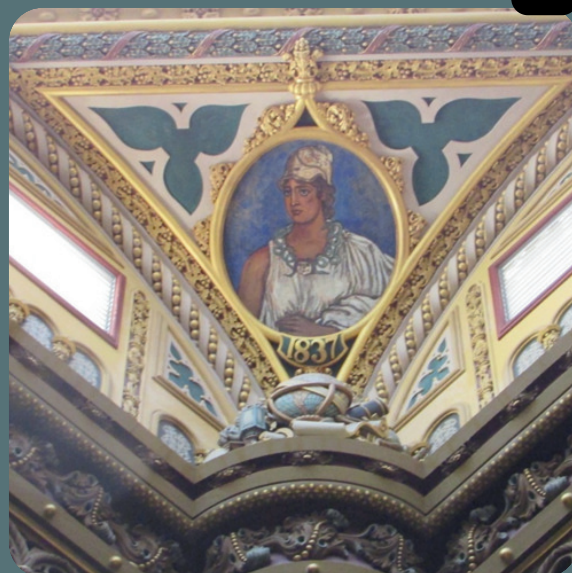
03



04

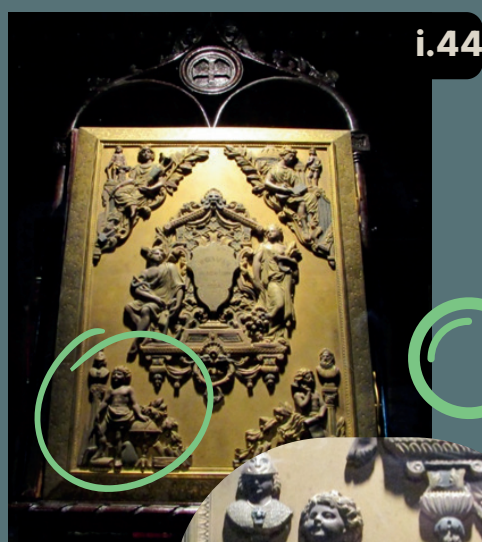
MINERVA NA CLARABÓIA

Imagem da Deusa Minerva em medalhão dourado. Minerva era a deusa romana da sabedoria, guerra estratégica, artes manuais e ofícios. Equivalente à Atena grega. A deusa é representada vestindo túnica branca, simbolizando a pureza do conhecimento, e usando **capacete ático** que evidencia seu aspecto guerreiro e estratégico. Como ornamento peitoral, porta o **gorgoneion**, uma medusa estilizada que oferece proteção divina. Ao redor do medalhão, encontram-se esculpidos **instrumentos náuticos** como globo terrestre, cordas e equipamentos de navegação, conectando-a ao **epíteto Aethyia**, que a designa como instrutora na arte da navegação.



i.43

.....



i.44



O livro apresenta ornamentação com símbolos que remetem diretamente a Minerva. **Destaca-se a presença da coruja**, símbolo clássico da deusa que representa sabedoria e vigília, acompanhada por figuras femininas alegóricas que evocam as musas da arte, história e poesia. As representações infantis simbolizam a **educação**, área sob a proteção de Minerva, enquanto **livros e pergaminhos** reforçam os ideais de conhecimento. Completam a composição as **harpas**, instrumentos que representam as artes protegidas pela deusa.

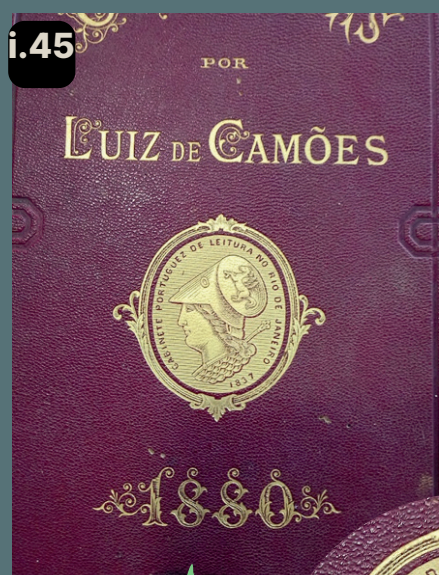
MINERVA NO LIVRO DE OURO

05



06

EMBLEMA OFICIAL DO GABINETE



i.45



i.46



zoom

comparar

O emblema apresenta o perfil de Minerva seguindo a tradição numismática romana, com destaque para o capacete coríntio de estilo militar grego clássico. No elmo da deusa, encontra-se representado Pégaso, o cavalo alado da mitologia grega que simboliza a inspiração poética. Toda a composição adota uma estética neoclássica que remete aos ideais de beleza e razão da Antiguidade, conectando a identidade da instituição aos valores clássicos de civilização e conhecimento.

A presença de Minerva conecta-se diretamente com a tradição literária portuguesa através d'Os Lusíadas, onde Camões estabelece o paralelo entre Ulisses e os navegadores portugueses. No Canto VIII, o poeta descreve Ulisses construindo "templo a Palas" em Lisboa, criando a ligação mítica entre a deusa da sabedoria e a fundação da capital portuguesa.

Esta escolha iconográfica no Real Gabinete não é casual: Minerva aparece com o epíteto Aethyia (instrutora na navegação), conectando sabedoria, descobrimentos marítimos e conhecimento em uma síntese que representa perfeitamente os ideais de uma instituição dedicada à preservação da cultura luso-brasileira e ao progresso intelectual.



Bibliografia de apoio

AFNB. Boletim Virtual - Associação Filatélica e Numismática de Brasília. Rio de Janeiro, 22 nov. 2013. Disponível em: <http://www.afnb.com.br/boletimvirtual>. Acesso em: 26 ago. 2025.

BRASIL. Brasileira Fotográfica. Série “Teatros e cinemas do Brasil” VIII – O Teatro João Caetano, no Rio de Janeiro, no Dia Mundial do Teatro. Rio de Janeiro, 27 mar. 2023. Disponível em: <https://brasilianafotografica.bn.gov.br/?tag=teatro-joao-caetano>. Acesso em: 26 ago. 2025.

DEBRET, Jean-Baptiste. Vista do Real Teatro de São João no Rio de Janeiro. 1834. Lithografia. In: Voyage pittoresque et historique au Brésil. Disponível em: <https://commons.wikimedia.org/w/index.php?curid=748799>. Acesso em: 26 ago. 2025.

DIARIO DE NOTÍCIAS (RJ). 1895-1995. Ano 1891, edição 02130, p. 1. Disponível em: Diário de Noticias (RJ) - 1885 a 1895 - DocReader Web. Acesso em: 26 ago. 2025.

MALTA, Augusto. Praça Tiradentes. [c. 1920]. Fotografia em gelatina/prata, 17,0 × 23,0 cm. Rio de Janeiro, RJ. Custódia: Instituto Moreira Salles. Disponível em: <https://brasilianafotografica.bn.gov.br/brasiliana/handle/20.500.12156.1/2427>. Acesso em: 28 ago. 2025.

MALTA, Augusto. Teatro João Caetano. [c. 1930]. Fotografia em papel, gelatina/prata, monocromática; 23,5 × 32,0 cm (suporte); 17,2 × 23,0 cm (imagem). Rio de Janeiro, RJ. Fonte: Instituto Moreira Salles. Disponível em: <https://brasilianafotografica.bn.gov.br/brasiliana/handle/20.500.12156.1/11121>. Acesso em: 26 ago. 2025.

MENEZES, Angela Tâmega. O Largo de São Francisco e a Praça Tiradentes: sua importância e complementaridade na vida pública e cultural do Rio de Janeiro (1808–1920). 1998. 227 f. Dissertação (Mestrado em História da Arte) — Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Belas Artes, Rio de Janeiro, 1998. Disponível em: <https://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/6178/1/455886.pdf>. Acesso em: 26 ago. 2025.

MERRILL, D. B. Construção da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré: trabalhadores. [Entre 1907 e 1912]. Amazônia, Brasil. Custódia: Fundação Biblioteca Nacional. Disponível em: <https://brasilianafotografica.bn.gov.br/brasiliana/handle/20.500.12156.1/2427>. Acesso em: 26 ago. 2025.

REAL GABINETE PORTUGUÊS DE LEITURA. Resumo histórico. Rio de Janeiro, 1940.

REAL GABINETE PORTUGUÊS DE LEITURA. O Real Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro. São Paulo: Dezembro Editorial, 2004.

REAL GABINETE PORTUGUÊS DE LEITURA. História. Disponível em: <https://www.realgabinete.com.br/O-Real-Gabinete/Sobre-o-Real-Gabinete/Historia>. Acesso em: 26 ago. 2025.

RIO MEMÓRIAS. Largo do Rossio. Disponível em: <https://riomemorias.com.br/memoria/largo-do-rossio/>. Acesso em: 26 ago. 2025.

RIO MEMÓRIAS. Teatro João Caetano. Disponível em: <https://riomemorias.com.br/memoria/teatro-joao-caetano/>. Acesso em: 26 ago. 2025.

TEATRO JOÃO CAETANO no Carnaval de 1913. 1913. Fotografia em negativo de vidro (P&B), 13 × 18 cm. Praça Tiradentes, Rio de Janeiro, RJ. Fonte: Fundo Instituto Oswaldo Cruz. Disponível em: <https://brasilianafotografica.bn.gov.br/brasiana/handle/20.500.12156.1/6510>. Acesso em: 26 ago. 2025.

TOPOGRAFIA DE LISBOA. Teatro de São Carlos. Disponível em: <https://toponimialisboa.wordpress.com/2018/04/23/teatro-de-sao-carlos/>. Acesso em: 28 ago. 2025.

i.1: Fotomontagem feita por Guilherme Augusto Paiva. Referência da primeira imagem: Inauguração do novo edifício do Gabinete Português de Leitura. Quadro ateuibuído a Frederico Steckel, 1887. Disponível em: <https://www.realgabinete.com.br/O-Real-Gabinete/Patrimonio-Artistico/Arquitetura>. Acesso em: 14 de sembro de 2025. Referências das segunda e terceira imagens podem ser encontradas, respectivamente em: i.32 e i.10.

i.2: mapa do Centro do Rio de Janeiro. Fonte: Google Maps (2025).

i. 3: RIO DE JANEIRO AQUI. Planta centro do Rio 1906 com morros do Castelo, Santo Antonio e Senado. Disponível em: <https://www.riodejaneiroaqui.com/pt/planta-centro-do-rio-1906-com-morros-do-castelo-santo-antonio-e-senado.html>. Acesso em: [04/09/2025].

i. 4: Planta da muito leal e heroica cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro [detalhe, com o **Largo do Rossio ao centro**]. John Edgar Ker, 1852, Fundação Biblioteca Nacional.

i. 5: mapa do Centro do Rio de Janeiro. Fonte: Google Maps (2025).

i.6: Por Jean-Baptiste Debret - Voyage pittoresque et historique au Brésil (circa **1835**), Domínio público, <https://commons.wikimedia.org/w/index.php?curid=748799> **Nota-se o teatro ao fundo**

i.7: Teatro São Pedro. Marc Ferrez, c.1870 . Praça Tiradentes, Rio de Janeiro. Coleção Mestres do século XIX. Acervo IMS.

i.8 1913. Fonte:

<https://brasilianafotografica.bn.gov.br/brasiliana/handle/20.500.12156.1/6510>

i.9: Real Theatro de São Carlos, em Lisboa - foto de autoria de José Vicente

i.10:Theatro São Pedro construído por D. João VI a pedido de Fernando José de Almeida (Imagem da Internet)

i.11: Praça Tiradentes, Malta, Augusto, 1920 circa. Fonte: Brasiliana fotográfica

i.12: (A): Praça Tiradentes, Malta, Augusto, 1920 circa. Fonte: Brasiliana fotográfica

i.13: (B): Praça Tiradentes, Malta, Augusto, 1920 circa. Fonte: Brasiliana fotográfica

i.14: (C): Praça Tiradentes, Malta, Augusto, 1920 circa. Fonte: Brasiliana fotográfica

i.15: (D): Praça Tiradentes, Malta, Augusto, 1920 circa. Fonte: Brasiliana fotográfica

i.16: Teatro João Caetano, Malta, Augusto-1930 circa. Fonte: Brasiliana Fotográfica

i.17: Praça Tiradentes, Teatro São Caetano. Augusto Malta, c.1930. Coleção Gilberto Ferrez. Acervo IMS. Atualmente, o teatro se encontra com sua fachada simples.

i.18: AZEVEDO, Julia. 22/08/2025.

i.19: Marc Ferrez. Escola Nacional de Belas Artes, c. 1895. Rio de Janeiro, RJ / Acervo IMS

i.20: Estátua em homenagem a João Caetano. Santos, Guilherme. 1920 circa. Fonte Brasileira Fotográfica

i.21: Estátua em frente ao Teatro João Caetano, na Praça Tiradentes. Rio de Janeiro, 1972. Arquivo Nacional. Fundo Correio da Manhã.
<https://riomemorias.com.br/memoria/teatro-joao-caetano/>

i.22: AZEVEDO, Julia. 22/08/2025.

i.23: — S.n. (16 de julho de 1838). A Aurora Fluminense: Jornal Político e Litterario, p.4 [via Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional].

i.24: MARC FERREZ; M. Ferrez; Marc Ferrez & Cia; Photographia Marc Ferrez. *Reforma na Academia Imperial de Belas Artes, quando veio a se chamar Escola Nacional de Belas Artes*. Acervo do Instituto Moreira Salles. Disponível: <https://acervos.ims.com.br/portals/#/detailpage/75344> .Acesso em 28/08/2025.

i.25: MARC FERREZ; M. Ferrez; Marc Ferrez & Cia; Photographia Marc Ferrez. *Escola Nacional de Belas Artes*, 1895. Acervo do Instituto Moreira Salles. Disponível em: <https://brasilianafotografica.bn.gov.br/brasiliana/handle/20.500.12156.1/2142> .Acesso em: 28/08/2025.

i.26: Escola Nacional de Belas Artes, 1915. MARC FERREZ & Cia; Photographia Marc Ferrez. Acervo do Instituto Moreira Salles. Disponível em: <https://brasilianafotografica.bn.gov.br/brasiliana/handle/20.500.12156.1/12183> .Acesso em: 09/09/2025.

1.27: OGÊDA, Pedro Diogo. *Fachada da Escola Nacional de Belas Artes*. 2025.

i.28: Atena Giustiniani. Cópia romana de estátua grega do século IV a.C.. Estátua em mármore. Acervo: Museu Pio-Clementino. Disponível em: <https://www.theoi.com/Gallery/S8.9.html>. Acesso em: 09/09/2025.

i.29: MARC FERREZ; M. Ferrez; Marc Ferrez & Cia; Photographia Marc Ferrez. *Imperial Academia de Belas Artes*, 1895. Acervo do Instituto Moreira Salles. Disponível em: <https://brasilianafotografica.bn.gov.br/brasiliana/handle/20.500.12156.1/2142> .Acesso em: 28/08/2025.

i.30: Apolo Musagetes. Acervo: Museu Pio-Clementino. Disponível em: <https://www.theoi.com/Gallery/S5.7.html>. Acesso em: 09/09/2025.

i.31: GUIA DAS ARTES. Jean Baptiste Debret. 1839 São Lourenço, MG: Guia das Artes, 2015. Disponível em: <https://www.guiadasartes.com.br/jean-baptiste-debret/resumo>. Acesso em: 05 set. 2022.

i.32: Autoria: Desconhecida e de domínio público. Disponível em: <https://www.realgabinete.com.br/>.

i.33: Marc Ferrez. Real Gabinete Português de Leitura, c. 1887. Rio de Janeiro, RJ / Acervo IMS

i.34: Autoria: Desconhecida e de domínio público. Disponível em: <https://orioqueorionaove.com/2019/12/09/o-novo-predio-do-real-gabinete-portugues-de-leitura>.

i.35: Autoria: Desconhecida e de domínio público. Disponível em: <http://guiaculturalcentrotorio.com.br/real-gabinete-portugues-de-leitura>

i.36: Autoria: Desconhecida e de domínio público. Disponível em: <http://guiaculturalcentrotorio.com.br/real-gabinete-portugues-de-leitura>

i.37: GAIA, Deivid Valério. Fotografia da escultura de Luís de Camões. 08/08/2025

i.38: GAIA, Deivid Valério. Fotografia da escultura de Luís de Camões. 08/08/2025

i.39: GUIMARÃES. Isabelle. Fachada superior do Real Gabinete Português. 03/09/2025

i.40: Coluna Rostral em São Petersburgo, na Rússia. Disponível em: https://br.freepik.com/fotos-premium/coluna-rostral-em-sao-petersburgo-na-russia_27183471.htm. Acesso em 09/09/2025.

i.41: GAIA, Deivid Valério. Imagem do caduceu decorativo na fachada do Real Gabinete Português. 08/08/2025

i.42: OGÊDA, Pedro Diogo. Sede do Tribunal Regional Eleitoral do Rio de Janeiro. 26/10/2024

i.43: OGÊDA, Pedro Diogo. Pintura decorativa da Minerva no interior do Real Gabinete Portugues. 04/07/2025

i.44: OGÊDA, Pedro Diogo. Livro de ouro exposto no Real Gabinete Portugues. 14/07/2025.

i.45: Autoria: Desconhecida e de domínio público. Disponível em: https://commons.m.wikimedia.org/wiki/File:Emblema_do_Gabinete_Portugu%C3%AAs_de_Leitura_do_Rio_de_Janeiro_1880.jpg . Acesso em: 29/08/2025

i.46: Pallas Velletri. Cópia romana de bronze grego atribuída a Crésilas em 430 a.C.. Acervo: Museu do Louvre. Disponível em: <https://www.theoi.com/Gallery/S8.8.html>. Acesso em 09/09/2025.

CONHEÇA O PROJETO DE EXTENSÃO VIVA+CIDADE



@rioneoclassico



Largo São Francisco de Paula s/n,
Centro - Rio de Janeiro

O Viva+Cidade, coordenado pelos professores doutores Deivid Gaia e Regina Bustamante, busca construir saberes acerca da Antiguidade Mediterrânea para fins de estudo do patrimônio neoclássico e eclético do Rio de Janeiro. Assim, centrando-se nas recepções e expressões da cultura antiga nos mais diversos elementos do patrimônio arquitetônico carioca, o projeto de extensão visa facilitar, a discentes da UFRJ e membros da sociedade, o acesso à oportunidade de melhor conhecer, preservar e se apropriar do espaço onde vivem.

